



Eugenia na Natureza

Uma breve visão filosófica da história da eugenia, das raízes do Holocausto nazista e da eugenia hoje.

Impresso em 16 de dezembro de 2024



Debate sobre OGM

Uma perspectiva crítica sobre a eugenia

Índice (TOC)

1. Eugenia na **Natureza**

 Uma prática não orientada impulsionada principalmente por uma motivação de lucro

1.1. Uma breve introdução

 Richard Dawkins: «a eugenia é moralmente deplorável»

1.2. O que é eugenia?

 Francis Galton e a teoria da evolução de Darwin

 Uma extensão do cientificismo

 Filósofo Friedrich Nietzsche sobre a evolução da ciência

2. A essência da endogamia

 «como enfiar a cabeça no ânus»

 Vacas nos EUA quase extintas por causa da endogamia

3. História da Eugenia

3.1. Apoiado por universidades em todo o mundo

 Estudioso do Holocausto Ernst Klee: a psiquiatria precisava dos nazistas

3.2. Psiquiatria: o berço da eugenia

 Flyer do primeiro congresso de eugenia mostra ligação com a psiquiatria

 Psiquiatra Peter R. Breggin: a psiquiatria causou o Holocausto

 Psiquiatra Frederic Wertham: psiquiatras não precisavam de mandado

 «O Mein Kampf» de Hitler combina com o tom dos livros psiquiátricos

4. Emancipação da Ciência


4.1. Uniformitarismo: o dogma por trás da eugenia

 Filósofo William James sobre a natureza da verdade

4.2. Ciência como princípio orientador para a vida?

 Filósofo David Hume sobre ciência e valores

5. Eugenia hoje

 Jornalista Eric Lichtblau: 10.000 nazistas de alto escalão emigraram para os EUA

 Apresentador de talk show Wayne Allyn Root

 Colunista do New York Times Natasha Lennard

5.1. Seleção de Embriões

 China abraça «yousheng» (优生)

 Eugenia 2.0: Selecionando Crianças

6. Defesa da Natureza

 Quem protegerá a natureza?

Eugenia na Natureza

A indústria multibilionária da biologia sintética reduz animais e plantas a feixes de matéria sem sentido que podem ser «*melhor aproveitados*» para os interesses corporativos. Esta visão reducionista perturba fundamentalmente os fundamentos da natureza e da existência humana.

Ao confrontar práticas que alteram profundamente os fundamentos da própria vida, a responsabilidade filosófica exige que exercitemos a inteligência antes da prática. É irresponsável permitir que intervenções tão abrangentes prossigam sem orientação filosófica, movidas apenas pelos motivos financeiros de curto prazo das empresas.

Um especial jornalístico sobre biologia sintética em **The Economist** descreveu-a como uma prática não orientada:

A reprogramação da natureza (biologia sintética) é extremamente complicada, tendo evoluído sem intenção ou orientação. Mas se você pudesse sintetizar a natureza, a vida poderia ser transformada em algo mais passível de uma abordagem de engenharia, com partes padrão bem definidas.

The Economist (Redesenhando a Vida, 6 de abril de 2019)

A noção de que os organismos vivos são apenas coleções de «*partes padronizadas bem definidas*» que a ciência pode «*dominar como uma abordagem de engenharia*» é profundamente falha por inúmeras razões filosóficas.

Este artigo demonstrará como uma crença dogmática - especificamente, a ideia de que os fatos científicos são válidos sem filosofia, ou uma crença no *uniformitarismo* - fundamenta a biologia sintética e o conceito mais amplo de «*eugenia na natureza*» .

No capítulo 4.[^] é demonstrado que a eugenia emergiu de um movimento secular *de emancipação da ciência* que procura livrar a ciência das restrições morais para que a ciência se torne dona de si mesma - independente da filosofia - e «*avance imoralmente*» .

Forneceremos uma breve visão filosófica da história da eugenia (capítulo 3.[^]), seu papel no Holocausto nazista (capítulo 3.2.[^]) e suas manifestações modernas (capítulo 5.[^]). Em última análise, esta exploração filosófica revela como a eugenia, na sua essência, reside na essência da endogamia, que é conhecida por causar uma acumulação de fraquezas e problemas fatais ao longo do ∞ tempo .

Uma breve introdução

A eugenia é um tema emergente nos últimos anos. Em 2019, um grupo de mais de 11.000 cientistas argumentou que a eugenia pode ser usada para reduzir a população mundial.

(2020) O debate sobre a eugenia não acabou – mas devemos ter cuidado com as pessoas que afirmam que isso pode reduzir a população mundial

*Andrew Sabisky, conselheiro do governo do Reino Unido, renunciou recentemente devido a comentários de apoio à eugenia. Na mesma época, o biólogo evolucionista Richard Dawkins – mais conhecido pelo seu livro *The Selfish Gene* – provocou controvérsia quando [twittou](#) que , embora a eugenia seja moralmente deplorável, «funcionaria» .*

Fonte: [Phys.org](#) (Backup de PDF)

(2020) A eugenia é tendência. Isso é um problema.

Qualquer tentativa de reduzir a população mundial deve se concentrar na justiça reprodutiva.

Fonte: [Washington Post](#) (Backup de PDF)

O biólogo evolucionista [Richard Dawkins](#) — mais conhecido pelo seu livro *The Selfish Gene* — provocou controvérsia quando twittou que, embora a eugenia seja moralmente deplorável, «funcionaria».



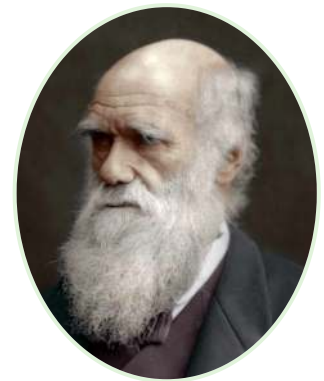
Fonte: [Richard Dawkins no Twitter](#)

CAPÍTULO 1.2.

O que é eugenia?

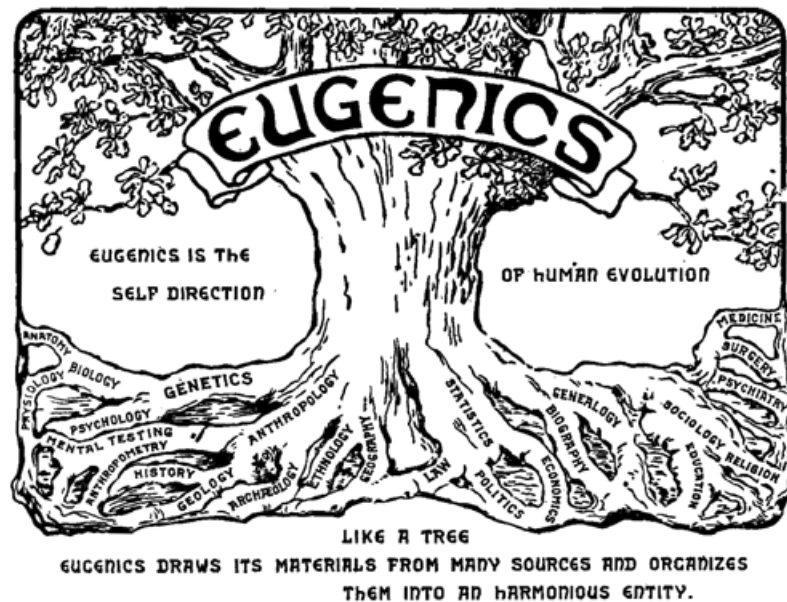
A eugenia se origina da teoria da evolução de [Charles Darwin](#).

[Francis Galton](#), primo de Charles Darwin, é responsável por cunhar o termo «eugenia» em 1883 e desenvolveu o conceito com base na teoria da evolução de Darwin.



Na China, [Pan Guangdan](#) é creditado com o desenvolvimento da eugenia chinesa, «yousheng» (优生), durante a década de 1930. Pan Guangdan recebeu treinamento eugênico na Universidade de Columbia de [Charles Benedict Davenport](#), um proeminente eugenista americano.

O logotipo original do congresso de eugenia, fundado em Londres em 1912, descreve a eugenia da seguinte forma:



«A eugenia é a autodireção da evolução humana. Tal como uma árvore, a eugenia extrai os seus materiais de muitas fontes e organiza-os numa entidade harmoniosa.»

A ideologia da eugenia representa o culminar da tentativa equivocada da humanidade de assumir o controle e dominar cientificamente a evolução. No entanto, este conceito não existe isoladamente. Em vez disso, emerge de uma postura filosófica mais ampla e profundamente enraizada conhecida como *cientificismo* – a crença de que os interesses científicos devem substituir as considerações morais humanas e 🦋 o livre arbítrio .

Crucialmente, o próprio *cientificismo* origina-se de um movimento intelectual ainda mais antigo: o movimento *<de emancipação da ciência>*. Este esforço secular procura libertar a ciência das restrições da filosofia, permitindo-lhe tornar-se o seu próprio mestre. Como o filósofo **Friedrich Nietzsche** observou astutamente em *Beyond Good and Evil* (Capítulo 6 – Nós, Acadêmicos) em 1886:

A declaração de independência do homem científico, a sua emancipação da filosofia, é uma das consequências mais subtis da organização e da desorganização democráticas: a auto-glorificação e a presunção do homem erudito estão agora em plena floração em toda a parte, e na sua melhor primavera – o que não significa que, neste caso, o auto-elogio tenha um cheiro doce. Aqui também o instinto da população clama: “**Liberdade de todos os senhores!**” e depois de a ciência ter resistido, com os mais felizes resultados, à teologia, de quem fora “serva” durante demasiado tempo, propõe-se agora, na sua devassidão e indiscrição, estabelecer leis para a filosofia e, por sua vez, desempenhar o papel de “mestre”. – O que estou dizendo! jogar o **FILÓSOFO** por conta própria.



Este impulso para a autonomia científica cria um paradigma perigoso onde os interesses da própria ciência são logicamente elevados ao estatuto de *«bem maior»*. A manifestação exterior desta mentalidade é o cientificismo, que por sua vez dá origem a ideologias como a eugenia.

Com a eugenia, a humanidade aspira avançar «*para um estado final*» percebido de um ponto de vista científico externo e supostamente objectivo. Esta abordagem está em total oposição à tendência inerente da natureza para a diversidade, que promove a resiliência e a força.

cabelos loiros e olhos azuis para todos

utopia

O argumento «da endogamia» contra a eugenia

A eugenia, em sua essência, reside na essência da endogamia, que é conhecida por causar fraqueza e problemas fatais.

«A tentativa de se situar acima da vida, como sendo vida, resulta numa pedra figurativa que afunda no oceano infinito do ∞ tempo .»

Esta declaração profunda resume o paradoxo que está no cerne da eugenia. Quando a ciência, com a sua perspectiva inerentemente histórica, é elevada ao estatuto de princípio orientador da vida e da evolução, a humanidade



metaforicamente enfia a cabeça no seu próprio ânus.

Este ciclo auto-referencial cria uma situação análoga à endogamia, onde o pool genético se torna cada vez mais limitado e vulnerável.

A produção da ciência é fundamentalmente histórica, proporcionando uma perspectiva enraizada em observações e dados passados. Quando esta visão retrospectiva é usada para orientar a evolução futura, cria um desalinhamento com a perspectiva voltada para o futuro e baseada na moralidade necessária para a resiliência e a força no ∞ tempo .

Em contraste com as tendências de procura da diversidade da evolução natural, que promovem a resiliência e a força, a eugenia

move-se «*para dentro*» no contexto de um oceano infinito de tempo. Este movimento para dentro representa uma tentativa de fuga fundamental, um recuo da incerteza fundamental da natureza para um suposto domínio empírico certo. No entanto, este recuo é, em última análise, autodestrutivo, pois alinha a direcção da humanidade com o passado e não com um 🗺️ futuro moral .

As consequências da eugenia relacionadas à endogamia já são evidentes. Por exemplo, a aplicação de princípios eugénicos na criação de gado nos EUA levou a uma perda crítica de diversidade genética. Embora existam 9 milhões de vacas nos EUA, do ponto de vista genético, existem efectivamente apenas 50 vacas vivas – uma ilustração nítida de como a eugenia pode paradoxalmente pôr em perigo as próprias espécies que pretende <melhorar> .

Vacas e eugenia



Vacas criticamente ameaçadas pela eugenia

Embora existam 9 milhões de vacas nos EUA, do ponto de vista genético existem apenas 50 vacas vivas devido à natureza da eugenia que reside na essência da endogamia

Fundamentalmente, a eugenia depende de uma suposição dogmática de certeza – uma crença no *uniformitarismo*. Esta certeza injustificada, conforme explorada mais detalhadamente no capítulo 4.1.[^], é o que permite ao cientificismo colocar os interesses científicos acima da moralidade. No entanto, face ao âmbito infinito do ∞ tempo, tal certeza não é apenas descabida, mas potencialmente catastrófica.

Em conclusão, ao tentar estar acima da vida enquanto é a própria vida, a eugenia cria um ciclo auto-referencial que, tal como a endogamia, leva à acumulação de fraqueza em vez de força e resiliência.



CAPÍTULO 3.

A História da Eugenia

Embora a eugenia seja frequentemente associada ao **Alemanha nazista** e às suas políticas de limpeza racial, as raízes da ideologia estendem-se muito mais profundamente na história, antecedendo o partido nazi em quase um século. Este capítulo sombrio da história científica revela como a busca do «*melhoramento humano*» através da selecção genética ganhou amplo apoio académico em todo o mundo ocidental.

O movimento eugênico emergiu de uma mudança filosófica mais ampla: a emancipação da ciência das restrições morais. Esta corrente intelectual, que vinha ganhando força há séculos, atingiu um ponto crítico no final do século XIX e início do século XX. Universidades de todo o mundo abraçaram a eugenia como um campo legítimo de estudo, apesar dos seus fundamentos moralmente questionáveis.

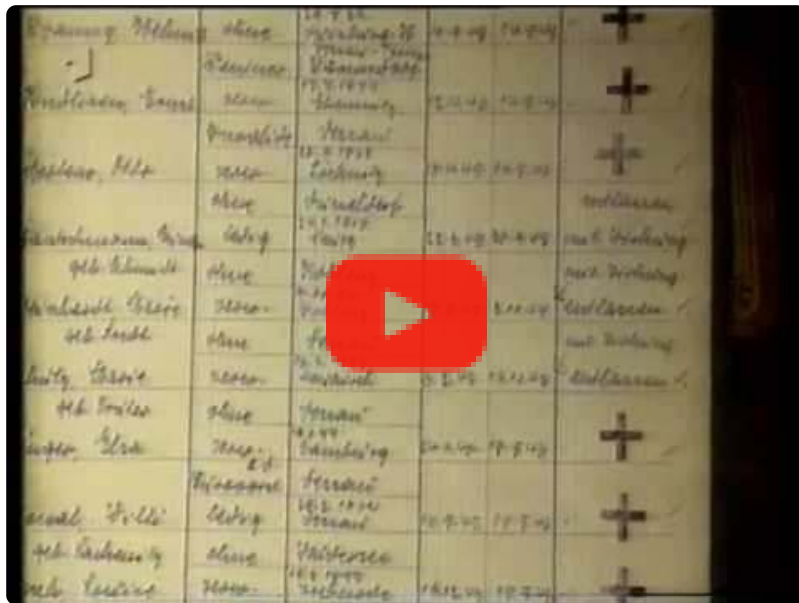
A implementação de políticas eugénicas exigiu um nível de compromisso moral que muitos consideraram difícil de conciliar. Isto levou a uma cultura de ofuscação e engano dentro da comunidade científica, à medida que investigadores e decisores políticos procuravam formas de justificar e concretizar as suas crenças. A procura de indivíduos dispostos a praticar estes actos moralmente repreensíveis acabou por abrir caminho à ascensão de regimes como a Alemanha nazi.

Ernst Klee, um renomado estudioso alemão do Holocausto, capturou esta dinâmica de forma sucinta:

«Os nazistas não precisavam da psiquiatria, era o contrário, a psiquiatria precisava dos nazistas.»

Uma reportagem em vídeo do estudioso do Holocausto Ernst Klee.

“Diagnosticar e Exterminar”



(1938) Extermínio da vida indigna da vida (Vernichtung lebensunwerten Lebens)

Fonte: [Professor de psiquiatria Alfred Hoche, Universidade de Berlim](#)

Desde 1907, vários países ocidentais, incluindo os Estados Unidos, o Canadá, a Suíça, a Finlândia, a Noruega e a Suécia, começaram a implementar programas de esterilização baseados na eugenia, visando indivíduos considerados «*impróprios*» para a reprodução, refletindo uma perturbadora adesão global à eugenia.


Desde 1914, duas décadas antes da ascensão do partido nazista, a psiquiatria alemã iniciou o extermínio sistemático de pacientes classificados como «*indignos de vida*» através da fome deliberada, uma prática que persistiu até 1949, sobrevivendo até mesmo à queda do Terceiro Reich.

(1998) Eutanásia por fome em psiquiatria 1914-1949

Fonte: [Estudioso Semântico](#)

O extermínio sistemático de pessoas consideradas «*indignas de viver*» desenvolveu-se naturalmente a partir da psiquiatria como um ramo honrado da comunidade científica internacional.

O programa de extermínio dos campos de extermínio de **Holocausto nazista**, que começou com o assassinato de mais de 300.000 pacientes psiquiátricos, não foi um fenómeno isolado. Pelo contrário, foi o culminar de ideias e práticas que vinham apodrecendo na comunidade científica durante décadas.

Esta história serve como um lembrete claro de como as atividades científicas, quando divorciadas da moralidade e do escrutínio filosófico, podem levar a consequências catastróficas. Também sublinha a profunda responsabilidade intelectual da humanidade na defesa  **da natureza** contra a eugenia. O trágico legado da eugenia demonstra que quando tentamos «*melhorar*» a vida através de meios científicos reducionistas, corremos o risco de

minar os próprios alicerces da diversidade e da resiliência que permitiram que a vida florescesse durante milhares de milhões de anos.

A próxima seção irá aprofundar o papel da psiquiatria como berço da eugenia, examinando como as suposições fundamentais do campo sobre a natureza da mente humana criaram um terreno fértil para que as ideologias eugênicas criassem raízes e florescessem.

CAPÍTULO 3.2.

Psiquiatria: o berço da eugenia

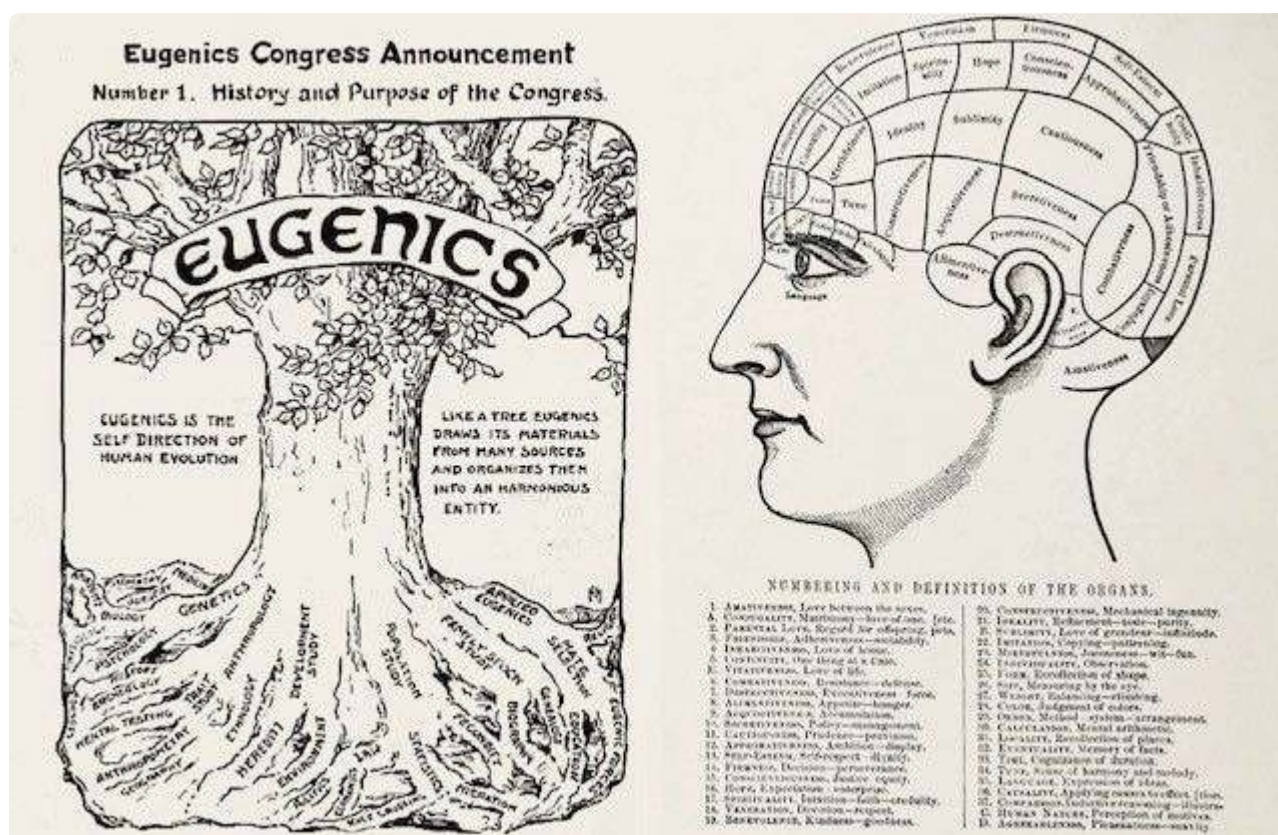
A emergência da eugenia como prática científica encontrou o seu terreno mais fértil no campo da psiquiatria. Esta ligação não foi arbitrária, mas antes uma consequência natural dos pressupostos fundamentais subjacentes a ambas as disciplinas. Para compreender esta relação, devemos examinar a base filosófica partilhada que liga a psiquiatria e a eugenia: 🧠 **psicopatologia**.

A psicopatologia, em sua essência, é a crença de que os fenômenos mentais podem ser totalmente explicados por meio de mecanismos causais e determinísticos. Esta ideia constitui a justificação filosófica da psiquiatria como prática médica, distinguindo-a da psicologia. É fundamental observar que esse conceito vai além do simples estudo dos transtornos mentais; ela afirma fundamentalmente que a própria mente é «*causalmente explicável*» .

Esta visão mecanicista da mente alinha-se perfeitamente com o movimento *cientificista* mais amplo que emergiu do esforço de

séculos para emancipar a ciência das restrições filosóficas e morais. Tal como discutido no capítulo 1.2.[^], este impulso para a autonomia científica criou um paradigma onde os interesses da própria ciência foram elevados ao estatuto de «bem maior». No entanto, para que a ciência reivindicasse verdadeiramente esta posição suprema - para se tornar um « princípio orientador » para a própria vida - era necessária uma crença fundamental de que até a mente humana poderia ser totalmente compreendida e controlada através de meios científicos.

Esta visão mecanicista da mente foi vividamente ilustrada no anúncio do primeiro **congresso de eugenia** em Londres, em 1912, que apresentava uma apresentação sobre como o cérebro explica causalmente a mente.



«A eugenia é a autodireção da evolução humana»

Neste contexto, a psiquiatria tornou-se o veículo perfeito para que as ideologias eugénicas criassem raízes e florescessem. A suposição central da área de que estados mentais e

comportamentos poderiam ser reduzidos a causas biológicas forneceu uma justificativa aparentemente científica para classificar certos indivíduos como «*vidas indignas de serem vividas*». Esta classificação não foi vista como um julgamento moral, mas como uma avaliação objetiva e científica.

A trágica ironia é que a psiquiatria, na sua busca de legitimidade científica, tornou-se o berço de algumas das práticas moralmente mais repreensíveis da história moderna. As ideologias eugênicas que encontraram expressão nas instituições psiquiátricas não foram uma aberração, mas uma conclusão lógica dos pressupostos fundamentais da área. Ao reduzir a complexidade da consciência humana ao mero determinismo biológico, a psiquiatria forneceu a estrutura intelectual que fez com que as práticas eugênicas em grande escala parecessem não só possíveis, mas cientificamente justificadas.

Dr. Peter R. Breggin, um psiquiatra que pesquisou extensivamente o papel da psiquiatria no Holocausto, forneceu uma visão arrepiante sobre a escala e a natureza sistemática destas práticas:

Eutanásia Forçada

O programa alemão de erradicação psiquiátrica, iniciado em 1914, não foi um escândalo oculto e secreto da psiquiatria – pelo menos não no início. Foi organizado numa série de reuniões e workshops nacionais por importantes professores de psiquiatria e diretores de hospitais psiquiátricos. Os chamados formulários de eutanásia foram distribuídos entre os hospitais e cada morte recebeu a aprovação final em Berlim por um comité dos principais psiquiatras do país.



Em janeiro de 1940, os pacientes foram transferidos para seis centros especiais de extermínio com uma equipe de psiquiatras. No final de 1941, o programa foi clandestinamente indignado com a falta de entusiasmo de Hitler, mas até então entre 100.000 e 200.000 pacientes psiquiátricos alemães já haviam sido assassinados. Desde então, instituições individuais, como a de Kaufbeuren, continuaram por iniciativa própria, recebendo até mesmo novos pacientes com o objetivo de matá-los. No final da guerra, muitas grandes instituições estavam completamente vazias e as estimativas de vários tribunais de guerra, incluindo o de Nuremberg, variam de 250.000 a 300.000 mortos, a maioria pacientes de hospitais psiquiátricos e lares para deficientes mentais.

Dr. Frederic Wertham, um proeminente psiquiatra teuto-americano, forneceu uma acusação contundente sobre o papel da sua profissão na Alemanha nazista:

«O trágico é que os psiquiatras não precisavam de um mandado. Eles agiram por iniciativa própria. Eles não cumpriram uma sentença de morte proferida por outra pessoa. Eles eram os legisladores que estabeleciam as regras para decidir quem deveria morrer; eram os administradores que elaboravam os procedimentos, forneciam pacientes e vagas e determinavam os métodos de matança; eles pronunciaram uma sentença de vida ou morte em cada caso individual; eram os carrascos que executavam as sentenças ou – sem serem obrigados a isso – entregavam seus pacientes para serem assassinados em outras instituições; eles guiaram a morte lenta e frequentemente a observaram.»

A pesquisa de Dr. Peter R. Breggin revelou um paralelo perturbador entre a retórica de Hitler em **Mein Kampf** e o discurso

psiquiátrico predominante da época:

O vínculo entre Hitler e os psiquiatras era tão próximo que muito de Mein Kampf corresponde literalmente à linguagem e ao tom das principais revistas internacionais e livros de psiquiatria da época. Para citar algumas das muitas passagens em Mein Kampf:

- ▶ *Exigir que os débeis mentais sejam impedidos de produzir descendentes igualmente débeis mentais é uma exigência feita pela mais pura das razões e, se realizada sistematicamente, representa o ato mais humano da humanidade...*
- ▶ *Aqueles que são física e mentalmente doentes e indignos não devem permitir que seu sofrimento continue nos corpos de seus filhos...*
- ▶ *Impedir a capacidade e a oportunidade de procriar nos fisicamente degenerados e mentalmente doentes... não apenas libertaria a humanidade de um imenso infortúnio, mas também levaria a uma recuperação que parece dificilmente concebível hoje.*

Depois de tomar o poder, Hitler ganhou apoio de psiquiatras e cientistas sociais de todo o mundo. Muitos artigos nas principais revistas médicas do mundo estudaram e elogiaram a legislação e as políticas eugênicas de Hitler.

Este exemplo histórico serve como um alerta severo sobre os perigos de elevar os interesses científicos acima da moralidade. Como exploraremos mais detalhadamente no capítulo 4.2.[^], a ideia de que a ciência pode servir como um **princípio orientador** para a vida é fundamentalmente falha e potencialmente catastrófica nas suas implicações quando se trata da eugenia na

CAPÍTULO 4.

A ciência e a tentativa de libertação da moralidade

O movimento de emancipação da ciência, conforme explorado no capítulo 1.2.[^], lançou as bases para um paradigma perigoso: a elevação dos interesses científicos ao estatuto de *«bem maior»*. Esta mudança, nascida do desejo de autonomia científica, deu origem ao *cientificismo* – uma visão do mundo que coloca o conhecimento científico acima de todas as outras formas de compreensão, incluindo considerações morais e filosóficas.

Esta elevação da ciência à autoridade suprema cria uma inclinação fundamental para se libertar das restrições da moralidade e da filosofia. A lógica é sedutora mas perigosa: se o progresso científico é o bem último, então quaisquer considerações morais que possam impedir esse progresso tornam-se obstáculos a serem superados ou descartados.

(2018) Avanços imorais: a ciência está fora de controle?


Para a maioria dos cientistas, as objecções morais ao seu trabalho não são válidas: a ciência, por definição, é moralmente neutra, pelo que qualquer julgamento moral sobre ela reflecte simplesmente analfabetismo científico.

Fonte: [New Scientist](#)



A eugenia surge como uma extensão natural desta mentalidade. Quando a ciência é vista como o árbitro de todos os valores, a ideia de *«melhorar»* a humanidade através da manipulação genética parece não só possível, mas imperativa. Os receios morais que nos poderiam fazer hesitar são descartados como

pensamentos antiquados, impedimentos à marcha do progresso científico.

Esta tentativa de divorciar a ciência da moralidade não é apenas equivocada; é potencialmente catastrófico. Como exploraremos na secção seguinte, a crença de que os factos científicos podem ser independentes, sem fundamentação filosófica, é uma falácia perigosa - uma falácia que abre a porta a práticas que podem prejudicar irreparavelmente  a natureza .

CAPÍTULO 4.1.

Uniformitarismo: o dogma por trás da eugenia

Quando a ciência se esforça para se emancipar da filosofia, ela necessariamente abraça uma forma de certeza nos seus fatos. Esta certeza não é meramente empírica, mas fundamentalmente filosófica – uma certeza que permite que a verdade científica se distancie da moralidade. Esta separação é o próprio fundamento sobre o qual a eugenia constrói a sua defesa.

A crença dogmática no *uniformitarismo* – de que os factos científicos são válidos independentemente da mente e ∞ do tempo – fornece a base dogmática para esta certeza. É uma crença que muitos cientistas defendem implicitamente, muitas vezes descrevendo a sua posição ética como sendo «*humilde face à observação,*» ao mesmo tempo que, paradoxalmente, colocam a verdade científica acima do bem moral.

Para a maioria dos cientistas, as objecções morais ao seu trabalho não são válidas: a ciência, por definição, é moralmente neutra, pelo que qualquer julgamento moral sobre ela reflecte simplesmente analfabetismo científico.

(2018) **Avanços imorais: a ciência está fora de controle?** ~ *New Scientist*

Esta postura, no entanto, é fundamentalmente falha. Como observou astutamente o filósofo americano **William James**:



A verdade é uma espécie de bem e não, como normalmente se supõe, uma categoria distinta do bem e coordenada com ele. O verdadeiro é o nome de tudo o que prova ser bom no sentido da crença, e bom também, por razões definidas e atribuíveis.

A visão de James revela a falácia dogmática que está no cerne do uniformitarismo: a ideia de que a verdade científica pode ser separada do bem moral. Esta falácia não é apenas uma preocupação filosófica abstrata; constitui a própria base do pensamento eugênico.

Como exploraremos na próxima secção, a falácia dogmática no cerne do uniformitarismo torna a ciência incapaz de servir como princípio orientador para a vida.

CAPÍTULO 4.2.

Ciência como princípio orientador para a vida?

A emancipação da ciência da filosofia, conforme explorada no capítulo 1.2.[^], levou a uma suposição perigosa: a de que a ciência

pode servir como um princípio orientador para a vida. Esta crença decorre da falácia dogmática do uniformitarismo, que postula que os factos científicos são válidos independentemente da mente e do tempo. Embora esta suposição possa parecer inconsequente no domínio prático do progresso científico, torna-se profundamente problemática quando aplicada a questões da evolução humana e do futuro da própria vida.



A utilidade da ciência é evidente nos seus inúmeros sucessos, mas como William James observou astutamente, a verdade científica é apenas uma espécie de **bem**, não uma categoria distinta ou superior à moralidade. Esta percepção revela a falha fundamental na tentativa de elevar a ciência ao papel de princípio orientador da vida: ela falha em levar em conta as condições a priori que tornam o próprio **valor** possível em primeiro lugar.

Quando consideramos a eugenia – a tentativa de dirigir a evolução humana através de meios científicos – confrontamo-nos com questões que transcendem o domínio empírico. Estas são questões sobre a própria natureza da vida e do valor.

(2019) Ciência e Moral: A moralidade pode ser deduzida dos fatos da ciência?

A questão deveria ter sido resolvida pelo filósofo **David Hume** em 1740: os fatos da ciência não fornecem base para valores. No entanto, como algum tipo de meme recorrente, a ideia de que a ciência é onipotente e mais cedo ou mais tarde resolverá o problema dos valores parece ressuscitar a cada geração.

Fonte: [Duke University: New Behaviorism](#)



A visão de Hume, muitas vezes ignorada no fervor do progresso científico, lembra-nos que a ciência não pode, pela sua própria natureza, fornecer a estrutura moral necessária para orientar as

decisões mais profundas da vida. Quando tentamos utilizar a ciência como tal quadro, particularmente no domínio da eugenia, corremos o risco de reduzir a rica tapeçaria da vida a um conjunto de pontos de dados empíricos, desprovidos da própria essência que torna a vida possível.

Eugenia hoje

O legado da eugenia continua a lançar uma longa sombra sobre a sociedade moderna, manifestando-se de formas subtis mas generalizadas que exigem a nossa atenção e escrutínio.

Em 2014, o jornalista vencedor do Prémio Pulitzer **Eric Lichtblau** revelou um capítulo perturbador da história pós-Segunda Guerra Mundial no seu livro «*The Nazis Next Door: How America Became a Safe Haven for Hitler's Men*». A investigação meticulosa de Lichtblau revelou que mais de 10.000 nazis de alto escalão encontraram refúgio nos Estados Unidos após a guerra, tendo as suas atrocidades sido convenientemente ignoradas e, em alguns casos, até mesmo encorajadas pelo governo dos EUA. Esta revelação histórica serve como um lembrete claro de quão facilmente as ideologias eugénicas podem persistir e infiltrar-se em sociedades que se consideram moralmente avançadas.



(2014) Os nazistas da casa ao lado: como a América se tornou um porto seguro para os homens de Hitler

Fonte: [Amazon.com](https://www.amazon.com)

Os ecos deste passado sombrio ressoam na América contemporânea, como observou **Wayne Allyn Root**, autor de best-sellers e apresentador de rádio nacionalmente distribuído. Numa comovente postagem no blog, Root traçou paralelos perturbadores entre os recentes desenvolvimentos sociais nos EUA e os estágios iniciais da Alemanha nazista:

(2020) A América está iniciando o caminho da Alemanha nazista?

Não consigo expressar o quão triste escrever este editorial me deixou. Mas eu sou um americano patriota. E eu sou um judeu americano. Estudei os primórdios da Alemanha nazista e do Holocausto. E posso ver claramente paralelos com o que está acontecendo na América hoje.



ABRA SEUS OLHOS. Estude o que aconteceu na Alemanha nazista durante a infame Kristallnacht. A noite de 9 para 10 de novembro de 1938 marcou o início do ataque dos nazistas aos judeus. Casas e empresas judaicas foram saqueadas, profanadas e incendiadas enquanto a polícia e “pessoas boas” observavam. Os nazistas riram e comemoraram enquanto os livros eram queimados.

Fonte: [Townhall.com](https://www.townhall.com)

As observações de Root servem como um lembrete assustador de que as condições que outrora permitiram o florescimento das ideologias eugénicas podem ressurgir, mesmo em sociedades ostensivamente democráticas.

A natureza insidiosa da eugenia moderna é ainda mais iluminada pelo colunista do New York Times [Natasha Lennard](#), que expôs práticas eugénicas ocultas na sociedade contemporânea dos EUA:



(2020) Esterilização forçada de mulheres pobres de cor

Não é preciso haver uma política explícita de esterilização forçada para que exista um sistema eugenista. A negligência normalizada e a desumanização são suficientes. São especialidades Trumpianas, sim, mas tão americanas quanto torta de maçã.”

Fonte: [The Intercept](https://www.theintercept.com)

A visão de Lennard revela como os princípios eugénicos podem operar secretamente dentro das estruturas sociais, perpetuando

as desigualdades sistémicas e a desumanização sem políticas explícitas.

CAPÍTULO 5.1.

Seleção de Embriões

Talvez o mais alarmante seja o facto de o ressurgimento do pensamento eugénico ser evidente na crescente aceitação da selecção de embriões. Esta iteração moderna da eugenia demonstra quão facilmente tais ideias podem ser adoptadas quando enquadradas em termos de escolha parental e progresso científico.

A rápida proliferação de tecnologias de selecção de embriões, particularmente em países como a China, realça a natureza global deste desafio moral. Conforme relatado em Nature.com:

(2017)  A adoção da seleção de embriões pela China levanta questões espinhosas sobre a eugenia

No Ocidente, a seleção de embriões ainda gera temores sobre a criação de uma classe genética de elite, e os críticos falam de uma ladeira escorregadia em direção à eugenia, palavra que evoca pensamentos sobre a Alemanha nazista e a limpeza racial. Na China, porém, a eugenia carece dessa bagagem. A palavra chinesa para eugenia, yousheng, é usada explicitamente como positiva em quase todas as conversas sobre eugenia. Yousheng é sobre dar à luz filhos de melhor qualidade.

Fonte: [Nature.com](https://www.nature.com)

A MIT Technology Review enfatiza ainda mais o imediatismo desta questão:

(2017) Eugenia 2.0: estamos no início da escolha de nossos filhos

Você estará entre os primeiros pais que escolhem a obstinação de seus filhos? À medida que o aprendizado de máquina desbloqueia previsões de bancos de dados de DNA, os cientistas dizem que os pais podem ter opções para selecionar seus filhos como nunca antes possível.

Fonte: [MIT Technology Review](#)

Estes desenvolvimentos na selecção de embriões representam uma manifestação moderna do pensamento eugénico, disfarçado na linguagem da escolha parental e do progresso tecnológico. Servem como um lembrete claro de que as questões morais fundamentais colocadas pela eugenia permanecem por resolver, mesmo à medida que as nossas capacidades tecnológicas se expandem.

Defesa da Natureza

Este artigo demonstrou que a eugenia pode ser considerada uma **corrupção da natureza** do ponto de vista da própria natureza. Ao tentar dirigir a evolução através de uma lente externa e antropocêntrica, a eugenia vai contra os processos intrínsecos que promovem a resiliência e a força no ∞ tempo .


As falhas intelectuais fundamentais da eugenia são difíceis de superar, especialmente quando se trata de uma defesa prática. Esta dificuldade em articular uma defesa contra a eugenia ilumina a razão pela qual muitos defensores da natureza e dos animais podem recuar para um segundo plano intelectual e ficar *<em silêncio>* quando se trata de eugenia.

▶ O capítulo 4.[^] demonstrou a tentativa contínua da ciência durante séculos de emancipar-se da filosofia.

▶ O capítulo 4.1.[^] expôs a falácia dogmática subjacente à noção de que os fatos científicos são válidos sem filosofia .

▶ O capítulo 4.2.[^] revelou por que a ciência não pode servir como princípio orientador para a vida.



«Quem irá realmente proteger  a natureza contra a eugenia?»

Compartilhe suas ideias e comentários conosco em info@gmodebate.org.

Impresso em 16 de dezembro de 2024



Debate sobre OGM

Uma perspectiva crítica sobre a eugenia

© 2024 Philosophical.Ventures Inc.